



ANGÚSTIAS E POTÊNCIAS: OS DESDOBRAMENTOS DA MULHER NEGRA FRENTE ÀS OPRESSÕES NO ÂMBITO ACADÊMICO

Caroline Souza de Oliveira¹

Universidade Federal Fluminense, Departamento de Psicologia, Rio das Ostras, RJ, Brasil.

Mariana de Castro Moreira²

Universidade Federal Fluminense, Departamento de Psicologia, Rio das Ostras, RJ, Brasil

Resumo: Esta pesquisa surge do incômodo de ver o silenciamento das potências de mulheres negras no âmbito acadêmico, sendo retratada apenas como vítimas das opressões, enquanto suas potências são ignoradas. Como objetivo geral, pretende-se analisar os impactos do silêncio na subjetividade do sujeito negro e a elaboração desse silêncio em ação. A partir da escrivência e revisão bibliográfica de autoras negras e com o olhar da psicanálise sujeito/objeto se percebe as incidências das interseccionalidade de opressões na universidade, no ambiente escolar e na autoimagem de mulheres negras. As resistências e organização política-afetiva foram algumas das estratégias de elaboração das angústias e o silenciamento, ressaltando a capacidade individual e coletiva de luta no enfrentamento do racismo, sexismo, classismo e entre outros.

Palavras-chave: Quilombo; Decolonialidade; Saúde mental; Redes de afetos; Mulher negra.

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense - UFF (2023). E-mail: carolslx0@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-8899-6341>

² Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (UFRJ/EICOS). Psicóloga (UFRJ). Docente efetiva no Departamento de Psicologia - Universidade Federal Fluminense - UFF/Rio das Ostras. Docente colaboradora no Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - PPG EICOS/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora do Laboratório de Psicologia, Políticas Públicas e Educação Popular da UFF. Supervisora do Programa de estágio em Psicologia e Políticas Públicas: fortalecimento de políticas públicas e ações coletivas de cidadania. Áreas de interesse: Psicologia, Psicologia Social, Psicossociologia de Comunidades. Educação Popular e Processos participativos e racializados de construção de conhecimento. Movimentos sociais e Organizações da Sociedade Civil: participação no fortalecimento dos processos de democratização. Políticas públicas e sistemas de garantias de direitos. E-mail: marianacastromoreira@id.uff.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1989-8936>



ANGUSTIES AND POWERS: THE DEVELOPMENTS OF THE BLACK WOMAN IN THE FRONT OF OPPRESSIONS IN THE ACADEMIC FIELD

Abstract: This research arises from the discomfort of seeing the silencing of the powers of black women in the academic field, being portrayed only as victims of oppression, while their powers are ignored. As a general objective, we intend to analyze the impact of silence on the subjectivity of the black subject and the elaboration of this silence in action. Based on the experience and literature review of black authors, the incidences of intersectionality of oppressions at the university, in the school environment and in the self-image of black women are perceived. Resistance and political-affective organization were some of the strategies for the elaboration of anguish and silencing, highlighting the individual and collective capacity to fight against racism, sexism, classism, and others.

Keywords: Quilombo; Decoloniality; Mental health; Affective networks; Black woman.

ANGUSTIAS Y PODERES: LOS DESARROLLOS DE LA MUJER NEGRA FRENTE A LAS OPRESIONES EN EL CAMPO ACADÉMICO

Resumen: Esta investigación surge de la incomodidad de ver el silenciamiento de los poderes de las mujeres negras en el campo académico, siendo retratadas solos como víctimas de la opresión, mientras que sus poderes son ignorados. Como objetivo general, se pretende analizar los impactos del silencio en la subjetividad del sujeto negro y la elaboración de ese silencio en la acción. A partir de la revisión de escritos y bibliografía de autores negros y con la perspectiva del psicoanálisis sujeto/objeto, se perciben las incidencias de la interseccionalidad de la opresión en la universidad, en el ambiente escolar y en la autoimagen de las mujeres negras. La resistencia y la organización político-afectiva fueron algunas de las estrategias utilizadas para elaborar la angustia y el silenciamiento, enfatizando la capacidad individual y colectiva de lucha frente al racismo, sexismo, clasismo, entre otros.

Palabras-clave: Quilombo; Decolonialidad; Salud mental; Redes de afecto; Mujer negra.



ANGUSTIAS ET POUVOIRS: LES DÉVELOPPEMENTS DE LA FEMME NOIRE FACE AUX OPPRESSIONS DANS LE MILIEU ACADÉMIQUE

Resumé: Cette recherche naît de l'inconfort de voir le silence des pouvoirs des femmes noires dans le domaine universitaire, présentées uniquement comme des victimes de l'oppression, alors que leurs pouvoirs sont ignorés. Comme objectif général, il se propose d'analyser les impacts du silence sur la subjectivité du sujet noir et l'élaboration de ce silence dans l'action. À partir de la revue de l'écriture et de la bibliographie des auteurs noirs et dans la perspective de la psychanalyse sujet/objet, les incidences de l'intersectionnalité de l'oppression dans l'université, dans le milieu scolaire et dans l'image de soi des femmes noires sont perçues. La résistance et l'organisation politico-affective ont été quelques-unes des stratégies utilisées pour élaborer l'angoisse et le silence, mettant l'accent sur la capacité individuelle et collective à lutter face au racisme, au sexisme, au classisme, entre autres.

Mots-clés: Quilombo; Décolonialité; Santé mentale; Réseaux affectifs; Femme noire.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi elaborada como trabalho de conclusão do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense/campus Rio das Ostras com o intuito de levantar o debate sobre a subjetividade da mulher negra frente às opressões e seu enfrentamento no âmbito acadêmico. Com isso, sabemos que o corpo negro carrega uma história de não humanização, em que todos sem exceção seriam objetos de uso para o branco escravizador, este negro não era persona. Não seria possível pensar o corpo da mulher negra, sem termos noção mínima da criação desta "categoria negro" onde está inserida essa mulher – não seria viável falar de classe, sem falar de raça antes. Seu corpo, historicamente destituído de sua condição humana, coisificado, alimentava toda sorte de perversidade sexual que tinham seus senhores. Esquecido à margem da sociedade, o corpo da mulher negra não é inscrito como sujeito, é um corpo-objeto. Grada Kilomba, em um trecho de seu livro memórias da plantação que discute acerca de posições de “margem x centro”, cita bell Hooks, ao dizer que:

[...] estar na margem, ela argumenta, é ser parte do todo, mas fora do corpo principal. Hooks vem de uma pequena cidade do estado de Kentucky, onde trilhos de trem eram lembranças diárias de sua marginalidade, lembretes de que ela estava realmente do lado de fora. Através daqueles trilhos se chegava no centro: lojas em que ela não podia entrar, restaurantes em que ela não podia comer, e pessoas que ela não podia sequer olhar nos olhos. Esse era um mundo onde ela poderia trabalhar como doméstica, criada, ou prostituta, mas onde ela não podia viver; ela sempre tinha de retornar à margem (KILOMBA, 2019, p. 67).



Lélia Gonzalez (1984), em seu trabalho racismo e sexismo na cultura brasileira, por exemplo, fala de como a figura da “mucama” transformou-se no que conhecemos nos dias atuais como empregada doméstica. Eu confesso que a educação na minha vida, na maior parte do tempo, está atrelada a conseguir ascender economicamente. Ascensão social do negro periférico se dá, por exemplo, através do estudo e ser uma mulher negra na graduação se torna algo competitivo, em todo tempo se invalida e/ou gera cobranças e comparações ao branco. Não é que neguemos ao negro qualquer valor, mas é melhor ser branco (FANON, 2008). Estas micro e macro agressões do racismo moldam socialmente um sujeito silenciado e jogado à margem, torna-se um sujeito de inseguranças e angústias. Não é raro que pessoas negras se identifiquem com aquilo que não são – pessoas brancas. Fanon diz que se esquivar do mundo é uma ladeira escorregadia que, no final das contas, leva à perda de si (FANON, 2008). Com tantos métodos do racismo para internalizar o repúdio ao não-branco na sociedade, acaba-se que o negro acadêmico se coloca diante de duas situações: se disfarçar de branco para se sentir pertencente – no caso, embranquecer – ou resistir e mostrar que realmente é “preto”. A mulher não-branca precisa lutar contra uma onda do próprio silêncio e de seus ancestrais. Por conta das opressões, sua voz é de grande potência. E diante da sociedade com seu corpo político, de resistência se constroem seus desejos, deixando de introjetar uma subjetividade que não lhe cabe, construindo assim, sua identidade e seus atravessamentos.

No Brasil, a manutenção do sistema escravocrata se dá perante a criação de condições em que pessoas racialmente identificadas sejam discriminadas. Os efeitos dessa discriminação impactam na saúde mental de pessoas negras, gerando sofrimento psíquico (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017). Considero que existem várias maneiras de se instaurar uma necropolítica, não apenas matando biologicamente o indivíduo, porém provocando-lhe uma morte existencial, uma morte em vida. A falta de investimento em políticas públicas pelo Estado configura-se como uma delas. Quando o Estado não investe, também provoca morte. Faz morrer sonhos, oportunidades de um futuro que possa garantir-lhe uma existência mais preservada, morre uma voz de resistência e potência. bell Hooks usa dois conceitos de “sujeito” e “objeto” argumentando que sujeitos são aqueles que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias.” (Hooks, 2019, p.42).

As políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento



dos chamados os Outros: Quem pode falar? Nada por acaso, algumas vezes, há uma carga de inseguranças de não pertencimento; invalidação de seus conhecimentos; de que o tempo todo é preciso provar que nosso trabalho pode ser lido, publicado, mostrado, falado. Inclusive, posso falar. Sim, podemos. E devemos. Transformar o silêncio em linguagem e em ação. Acredito que não se esgota aqui a possibilidade de entender de que maneira se deu e vai se dando esse processo, pelo qual passa o corpo e a feminilidade da mulher negra acadêmica, tendo como pano de fundo todo esse passado histórico que atravessa, sem sombra de dúvidas, a constituição psíquica dessa mulher em particular. O objetivo aqui é compreender como se dá a dialética do sujeito-outro pelo olhar da psicanálise em relação à subjetividade de mulheres negras na universidade. Parto da hipótese de que existem características especiais na estrutura psíquica do negro, que decorrem da eliminação da singularidade do sujeito propagada pela violência do silenciamentos. Uso como referências bibliográficas autoras negras feministas e de sua maioria lésbicas para elaborar a construção da subjetividade da mulher, como se dão as angústias e as estratégias de potências. Iniciamos apontando a importância de olhar para o passado e reconhecer os nomes e os feitos de quem veio antes como uma forma de recuperar a própria história e, conseqüentemente, conhecer um pouco mais de si mesmo. O poder da fala e quem sou eu. Seguimos investigando como as conseqüências do silenciamento em uma estrutura adoecedora, como o âmbito acadêmico, podem ser reproduzidas em um inconsciente específico, a mulher negra. Nossas considerações finais apontam que criar redes e falar sobre a importância de estarmos em comunidade de modo a fortalecer nossas próprias potências e as das outras e outros. Portanto, a luta e a resistência foram colocadas também como forma de aquilombamento e fortalecimento psicoafetivo, uma vez que abrem caminho para os povos do presente e para aqueles que ainda virão.

DESENVOLVIMENTO – QUEM ESTÁ FALANDO?

Início essa escrita com muitos silêncios, estes que já deveriam ter se rompido. Mas, ao longo desse percurso na graduação e, neste momento, acredito que alguns nós se desataram. Durante dois anos, estive imersa elaborando minha pesquisa de conclusão do curso de psicologia na Universidade Federal Fluminense no campus de Rio das Ostras. Dois anos também de pandemia onde se gerou um nível maior de angústia diariamente, e, nesses anos, venho me construindo e me reencontrando além da escrita, pois para as primeiras linhas saírem foi preciso entender quem fui no início da graduação e quem sou agora. Acredito que o



trabalho final mostra não somente nossos conhecimentos do curso, mas também como nos construímos a partir disso, digo que como mulher negra preciso atravessar opressões e angústias para ser ouvida como sujeito com conhecimento. E a maior necessidade de escrever deu-se ouvindo colegas e amigas na universidade se queixarem de cansaço, de serem invalidadas, não serem ouvidas e não se sentirem pertencentes. Com isso, escrevo sobre mim, sobre mulheres negras, sobre saúde mental e psicologia. Portanto, pontuo uma expressão de Freud que diz: “Angústia é algo que se sente”, não sendo, portanto, apenas algo provindo do recalque, portanto simbólica; mas algo que, acima de tudo, afeta (FREUD, 1915b/1976). Não se trata de um simples sentimento, mas um estado de angústia que expressa algo fundamental que nos escapa, mas que precisa encontrar uma forma de expressão para não nos manter atrelados numa dor infinita. A angústia seria uma espécie de “ponte” que mais nos aproxima do Real do ser. Mas quando não se fala, para onde se leva essa angústia? Quais seriam os disparadores de angústia no corpo das mulheres negras? O que tais corpos calam e/ou o que os silencia? Que real as “envolve”?

Este trabalho pretende analisar as diferentes formas do impacto do racismo, do sexismo e do classismo enquanto sistemas de opressão “subordinados” à vida de mulheres negras pobres; além de entender como se dão as consequências do silenciamento diante do enfrentamento dessas questões no âmbito acadêmico. Digo, como mulher negra na academia, que este silêncio custa caro. Não ter voz, não pertencer, não ter saber nesses locais e ainda ser inferiorizada. Para estar no final da graduação, escrevendo sobre a dor e as conquistas dessa trajetória, sinto-me profundamente afetada por essas questões, mas para a angústia ser transformada em ação é preciso falar. E estou aqui, escrevendo. O ato de escrever vai além de uma estratégia política de ocupação de espaços em geral fechados a nós, é também um ato de criar alma, de construir autonomia e constituir-se de outra forma. Ao se pensar a dinâmica de ser um sujeito negro na academia, Audre Lorde cita que:

Podemos aprender a trabalhar e a falar apesar do medo, da mesma maneira que aprendemos a trabalhar e a falar apesar de cansadas. Fomos educadas para respeitar mais o medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar. O fato de estarmos aqui é uma tentativa de quebrar o silêncio e de atenuar algumas das diferenças entre nós, pois não são elas que nos imobilizam, mas sim o silêncio. E há muitos silêncios a serem quebrados! (LORDE, 2019. p. 55).

Compreendo que sobreposição de opressões e discriminações existentes em nossa sociedade são adoecedoras, quanto mais abaixo da pirâmide da branquitude, mais você viverá os impactos. Com o conceito da interseccionalidade é possível enxergar que em nossa



sociedade existem vários sistemas de opressão – os de raça ou etnia, classe social, capacidade física, localização geográfica, orientação sexual entre outras - que se relacionam entre si, se sobrepõem e demonstram que o racismo, o sexismo e as estruturas patriarcais são inseparáveis e tendem a discriminar e excluir indivíduos ou grupos de diferentes formas. O corpo negro da mulher é visto exatamente nessa ordem pela sociedade, um corpo negro e mulher. Somos atravessadas de imediato pelo racismo, pois a mulher está inscrita no corpo negro socialmente oprimido. E é notado que há múltiplos sistemas de opressão, em particular, articulando raça, gênero e classe. Dependendo do lugar social que se ocupa, o gênero é vivenciado de maneira diferente, isso porque a situação das mulheres, em especial das mulheres negras, indígenas e de classes populares, possui desafios adicionais para o acesso a direitos e são silenciadas por um marcador social. O sistema escravista e capitalista, produto da branquitude, definiu que o povo negro era propriedade, que seu corpo era mercadoria, objeto. O corpo da mulher negra ainda teve o adicional de ser o corpo que podia ser consumido sexualmente pelo senhor, violentado, estuprado e ao mesmo tempo, aquele que amamentava os brancos. É evidente como à mulher negra não é dado o direito de ser mulher negra, de fazer os enfrentamentos que sua raça e gênero lhe reivindicam e assumir posturas de enfrentamento. Por muitos meios a branquitude junta toda estrutura capitalista que, dentre outras perversidades, visa silenciar a corporeidade da mulher negra.

É preciso falar sobre corpo negro e de como o racismo atravessa, de imediato, o campo social, e esse atravessamento é algo indizível no âmbito psicológico, ou seja, não é tema de pesquisa. Na verdade, culturalmente falando, o indizível está sendo dito. Nas rodas de samba, na expressão corporal, nos terreiros, nas músicas de rap, principalmente, nas artes, sobretudo aquelas chamadas de “periféricas”. Mas como esse indizível se comporta e fala no cotidiano do sujeito não-branco que é impedido de falar, mas, especificamente, tem sua existência invalidada. O não dito silencia o sofrimento, mas é dito no corpo. E é onde quero chegar: a construção de ser uma mulher negra e lésbica na universidade dói, no sentido corporal. O silêncio é como uma barreira real e física, é preciso travar para não passar do limite. Um limite criado por homens brancos, que ditam a história e comportamento da mulher negra. Portanto, venho explorar e entender quais angústias o racismo constrói nessas mulheres e as potências como forma de quebra dos silêncios. Será analisada com uma revisão bibliográfica e escrevivência (EVARISTO, 2017) sobre as angústias e potências desenvolvidas no decorrer do espaço acadêmico na Universidade Federal Fluminense no polo do interior. A partir disso, a metodologia será pela escrevivência, conceito nomeado pela



negra autora Conceição Evaristo que trata sobre registrar, observar e absorver sobre a vida a partir da escrita dos considerados grupos excluídos. A assumir o lugar de enunciação de um eu coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativas e voz, a história de um "nós" compartilhado. Ou seja, o sujeito vai narrar fatos muito próximos de sua vida ou da sua coletividade, e isso é uma produção, sem sombra de dúvida, de conhecimento. Buscamos entender, a partir das vivências, como o racismo impacta na vida das estudantes negras no âmbito acadêmico e quais mecanismos para se erguer a voz e potencializar em um meio silenciador. Para Conceição Evaristo, escrever sobre as vivências negras possibilita furar com o silêncio, construir uma identidade distinta daquela que precisaria ser uma caricatura do branco para ser aceita e, dessa maneira, poder estar sendo ouvida e transformar e afirmar sua história, sua existência, em uma potência. Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autora e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas. "(...) gerada a partir da voz de negros que, mais ou menos contraditória ou fragilmente, batem-se por construir uma identidade que lhe dê feições próprias, fundada, portanto, em seus interesses, transformadora da História – individual e coletiva, social e psicológica (SOUZA, 1983, p. 78)".

Esta pesquisa tem como objetivo potencializar a possibilidade da experiência de se tornar sujeito autoral de sua própria história. Ao escrever sobre si próprio, sobre sua vida, o movimento de olhar para si pode ser ampliado, colocando o sujeito individual em assunção de sua história coletiva e ancestral. E nesse encontro com uma organização fechada como a academia, que se baseia em conhecimentos etnocêntricos para se pensar os sujeitos e sua organização, causar tensões que evidenciam as relações racistas, mas provocar furos e rachaduras nesse Sistema.

MULHER NEGRA: O OUTRO INEXISTENTE

Entendemos que o Brasil é um país multirracial, que foi construído em cima de um processo de escravização de corpos considerados inumanos (indígenas e negros) e com o fim da escravização tanto o homem negro quanto a mulher negra carregam as marcas de um colonialismo que buscou inferiorizar, animalizar, enfim, tornar selvagens esses sujeitos para justificar sua exploração. Perpetuando ao longo dos anos uma posição marginalizada e



atravessada por mecanismos de violência, que ganharam nova roupagem no período pós-escravidão. O primeiro fator constitutivo desta identidade é a história. No entanto, essa história, mal a conhecemos, pois ela foi contada do ponto de vista do “Outro”, de maneira depreciativa e negativa (MUNANGA, 2023. p.5). O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituída no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não reconhece, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. Quando as opressões se interseccionam sobre as mulheres negras, as vivências da opressão se configuram em situações e necessidades peculiares deste grupo de mulheres. Nesta perspectiva, o feminismo negro surge com foco nestas peculiaridades, salientando que estas só podem ser apreendidas a partir da compreensão do lugar da mulher negra no cruzamento interseccional das opressões de gênero e de raça e que, muitas vezes, resulta em opressão de classe. “(...) Além do sexismo, lutamos contra o racismo e a discriminação racial que fazem de nós o setor mais explorado e mais oprimido da sociedade brasileira (GONZALEZ, 2020. p.107)”. Gostaria de esclarecer aqui a ideia da pirâmide social do privilégio, em que temos no topo da pirâmide o homem branco, depois a mulher branca, o homem negro e no final temos as mulheres negras e indígenas. Então quando se fala dos ganhos do feminismo para mulheres, não estão na maioria das vezes fazendo o recorte racial e nos é retirado o lugar como mulher. Cito uma passagem retirada do livro “Por um feminismo afro-latino-americano” da Lélia Gonzalez em que diz:

A primeira metade da década foi o auge do “milagre brasileiro”. (...) Mais interessante ainda: em 1969 havia 100 mil mulheres na universidade para 200 mil homens. Em 1975 este número tinha subido para cerca de 500 mil mulheres (para 508 mil homens), passando a proporção de 1:2, em 1969, para 1:1 em 1975. O número de mulheres na universidade havia quintuplicado em cinco anos! (...) Foi nesses cinco anos, mesmo, que se processou a maior transformação da condição da mulher na história do nosso país¹. (GONZALEZ, 2020. p.158).

Obviamente a passagem acima não tem nada a ver com mulheres negras, apesar de fazer referência a mulheres. Falar da luta contra os modos de opressão nos leva necessariamente a reencontrar Paulo Freire e reconhecer que, a partir de sua perspectiva dialógica, crítica e problematizadora, começamos a aprender uma nova forma de pensar e



fazer pesquisa, reconhecendo e situando o outro como sujeito de sua história. O número de negros no nível superior vem aumentando, mas temos muito o que lutar pela nossa existência no meio acadêmico para além de discentes e docentes. É necessário trazer nossas angústias e existência para o campo científico, e, com isso, elaborar mais estudos e pesquisas para nossa comunidade. A falta de autores negros nos estudos da psicologia é uma das constatações da precariedade, no Brasil, de estudos sobre a vida emocional dos negros e da absoluta ausência de um discurso, nesse nível, elaborado pelo negro acerca de si mesmo” (SOUZA, 2021. p.45).

Para se entender a saúde mental dessa mulher podemos desdobrar opções de opressões que moldam³ até mesmo o olhar sobre si. Não vou me estender em todos os debates acerca da intersecção presente nessa vivência, venho explorar o que mais gera um impacto de forma viva na Universidade: Raça. Gênero e classe. A presença de mulheres negras no nível superior no início da minha graduação me preocupava na mesma proporção que não havia discussão desses sintomas não falados e naturalizados na nossa comunidade. Lélia pontua que em nível superior (profissionais especializados, administradoras e empresárias): a proporção é de 8,8% brancas para 2,5% negra (GONZALEZ, 2020. p.159). Em relação a saúde mental, essa dimensão de negação da humanidade e inferiorização do sujeito negro provocada pelo racismo contribui para o seu adoecimento. Segundo Latour, o social não é feito apenas dos humanos e suas interações, mas emerge como um coletivo heterogêneo em que é permitido também aos não humanos desempenhar o papel de atores, pois, assim como os ditos "atores sociais", estes estabelecem associações e participam do curso da ação, ou seja, também possuem “poder”. Assim, pensar como o sujeito é feito envolve levar em conta os coletivos sociotécnicos que fazem o social (Pedro, Rosa Maria Leite Ribeiro, & Moreira, Mariana de Castro. 2021). Fanon explica que a experiência vivida do negro será sobretudo dada pelo olhar do branco: “É o racista que cria o inferiorizado” (FANON, 2008. p. 90). O racismo estruturalmente implantado estabeleceu, portanto, a invisibilização dos sujeitos negros relegando à objetificação e, conseqüentemente, à usurpação de seus direitos mais básicos. A finalidade do debate, principalmente, é entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo, além de criar, deslegitima certas identidades. Logo, não é uma política reducionista, as desigualdades são as resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimentos de outros (RIBEIRO, 2021. p.31).

³ Rose Marie Muraro, *Sexualidade da mulher brasileira*, p. 14.



Quando a branquitude fala, é científico, quando nós falamos, não é científico. Universal / específico; objetivo / subjetivo; neutro / pessoal; racional / emocional; imparcial / parcial; homens brancos têm fatos, nós mulheres negras temos opiniões; eles têm conhecimento; nós, experiências (KILOMBA, 2019. p. 52).

Esta citação acima não está lidando aqui com uma “coexistência pacífica de palavras”, mas sim com uma hierarquia violenta de valores que determina quem pode falar; onde o homem branco tem propriedade para falar e sempre tem a preferência e para a mulher negra o silêncio. Segundo a autora Lélia Gonzalez, o racismo se constituiu “como a ‘ciência’ da superioridade euro cristã - branca e patriarcal -” (1988a, p. 71). Essa reflexão nos dá uma pista sobre quem pode falar ou não, quais vozes são legitimadas e quais não são. A formulação cartesiana “penso, logo existo” constitui o grande alicerce da razão moderna, ao refletir o pensamento de tradição europeia ao status de conhecimento científico, sendo o único modo legítimo de produção do conhecimento. Se para existir o sujeito deve pensar conforme essa lógica cientificista da branquitude, aquele que não pensa nos moldes estabelecidos por esse paradigma de racionalidade, simplesmente, não existe. Desse modo, nega-se capacidade de razão e, conseqüentemente, humanidade aos “outros”, em oposição ao “eu” que, sendo um ser pensante, é digno de existência e dotado de humanidade. Nessa lógica excludente, “não sendo nem branca, nem homem, a mulher negra exerce a função de o ‘outro’ do outro” (KILOMBA, 2012, p.12). Essa posição de objetificação que ocupamos conjuntamente, o lugar da “Outridade” como se acredita, não é falta de resistência ou interesse, mas sim falta de representação do que a comunidade negra sofre. Nossa subjetividade não é construída somente de dores e angústias, durante a minha caminhada na graduação deparei-me com as múltiplas trajetórias e estratégias de resistência dessas mulheres no espaço acadêmico. Assim, mais do que compartilhar experiências baseadas na escravização, racismo e colonialismo, essas mulheres negras partilham processos de resistência. Nessa pesquisa de campo, evidencio pela “escrevivência” as angústias e potências dessas mulheres para ocupar seu lugar de fala e de escrever sua própria história. Por muitos anos eu silencieei todas essas dores, as guardei em um lugar onde só eu poderia vê-las. Por medo, por vergonha, por pensar que ninguém se interessaria em ouvir sobre. Foram vários anos de terapia de diferentes perspectivas até que um dia descobri a psicanálise, e então, houve o momento em que larguei tudo, inclusive as coisas que estavam quase apagadas. Foi aí que percebi o quanto falar é essencial para o meu processo de cura pessoal.

(...) o trauma é uma ferida aberta na memória e que, nesse sentido, lembrar eventos



traumáticos, “transbordantes”, excessivos significaria reviver experiências insuportáveis de dor e sofrimento que as pessoas preferem esquecer. Esse argumento lança luz para pensar a resistência das mulheres a narrar seu próprio passado e ajuda a entender como a constituição da subjetividade feminina é marcada por violências, repressões e controles muito particulares e diferentes em relação ao que é vivenciado por homens, heterossexuais ou gays (RAGO, 2013, p.64- 65).

Para as mulheres de grupos oprimidos que têm reprimido tantos sentimentos — desespero, fúria, angústia —, que não falam, como escreve a poeta Audre Lorde, “pelo medo de nossas palavras não serem ouvidas nem bem-vindas”, encontrar a voz é um ato de resistência. Falar torna-se tanto uma forma de se engajar em uma autotransformação ativa quanto um rito de passagem quando alguém deixa de ser objeto e se transforma em sujeito. Apenas como sujeitos é que nós podemos falar. Como objetos, permanecemos sem voz — e nossos seres, definidos e interpretados pelos outros (Hooks, 2019, p.35). Por tanto, é de extrema importância nomear uma experiência psíquica como produto de uma violência de origem social e com raízes históricas no processo colonial e escravocrata brasileiro que produziu efeitos negativos na elaboração e identificação dos sentimentos e entendimentos sobre si da comunidade negra. Para Achille Mbembe (2018), a chamada consciência ocidental do negro consiste em uma série de saberes e práticas brancas em torno da ciência colonial que lutam por uma relação dominante para produzir e afirmar a negritude em um “não-lugar”. Esse não lugar do negro, no entanto, lhe reservou o estigma de selvagem, diferente e anormal, pois era assim descrito e com isso, moralmente rejeitado e, ao mesmo tempo, tais adjetivações instrumentalizam a justificativa da suposta superioridade racial dos brancos.

Quando não invisibilizado, o negro é representado como contraponto antiético do humano. A sua aparição, quando, autorizada, é reduzida a uma dimensão corpórea, emotiva ou ameaçadora, tal como um King Kong descontrolado: tão grande, tão burro, tão negro, com mãos rústicas e exacerbados instintos libidinais em sua busca desenfreada pela mocinha branca (ultrafeminina) de tez claramente virginal e corpo frágil (FAUSTINO, 2014, p. 83).

Durante essa pesquisa produzi um diário de campo que foi importante para se entender o porquê de estar escrevendo e a necessidade de enaltecer as potências produzidas mesmo estando em um meio silenciador. O recorte aqui apresentado tematiza questões sobre a utilização do diário de campo como um dispositivo de informação no campo da pesquisa: “A angústia de ser invalidada e ignorada. Existe uma sensação de cansaço por estar sempre lutando para ser ouvida. Negligenciada! Preciso ser dez vezes melhor para ser validada por uma pessoa branca. Falta de representatividade, uma banca de professores e alunos brancos, eu olho pro lado e não vejo um igual. Não ser reativo, se manter quieto pra não ter problema”



(OLIVEIRA, 2022). Como faço para explicar ao branco que temos grandes projetos e pesquisas, mas não sair uma palavra da boca? Um sentimento que nos fere no silêncio dos dias. Em um contexto social geral, nós mulheres negras precisamos estar a passos à frente para se destacar e até mesmo ser ouvidas. Já vivenciei colegas de curso sendo ofendidas, silenciadas e ignoradas enquanto apresentavam pesquisas riquíssimas.

(...) E contando seus problemas de aprendizagem, ela não deixava de criticar o comportamento de professores (autoritariamente colonialistas) que, na verdade, só fazem reproduzir práticas que induzem nossas crianças a deixarem de lado uma escola onde os privilégios de raça, classe e sexo constituem o grande ideal a ser atingido, através do saber “por excelência” emanado da cultura “por excelência”: a ocidental burguesa (GONZALEZ, 2020. p. 100).

A mulher negra silenciada é uma mulher negra sem pulsão de vida, incapaz de fazer enfrentamentos. Que mulheres negras continuem se rebelando, pois sua força de liderança é ancestral. Com poder de gerir a própria existência, mas também de liderar toda comunidade. Trecho do diário de campo: “Se eu não falar, alguém vai falar por mim. Quem vai falar? De quem é a minha voz?” (OLIVEIRA, 2023). As relações pessoais são tão importantes para esse livre fluxo social que a falta delas pode significar maior risco pessoal ou mesmo invalidação da identidade de um agente portador de conhecimento, pois o mais importante é saber “quem está falando” (DaMatta, 1997). E como a lógica hierárquica brasileira parece se basear na “proximidade social”, acaba por se tornar um dos fatores mais ponderados na construção das relações sociais (DaMatta, 1997). E pensando por essa lógica, a ciência e o portador do conhecimento é o homem branco. Não nomear as angústias e sentimentos das vivências do atravessamento: raça, gênero e classe adoce ainda mais essa comunidade excluída, mais especificamente a mulher negra.

Neste momento, eu pude nomear aquele embaraço, aquela angústia, e fazer laço com a realidade. Eu constatei a existência do racismo! Eu compreendi o que se operou em minha vida, durante anos: experiências de exclusão, discriminação e humilhação. Foi um processo vivido com muita dor, raiva, ódio e indignação, mas tão libertador.” (SILVA in SOUZA, 2021:17-18).

Trago os trechos da entrevista de Neusa Santos Souza no programa *Espelho* frente a seu desinteresse em discutir a temática racial a partir da perspectiva da psicanálise e à demarcação de uma evidente desvinculação: “Do ponto de vista da psicanálise, que é a minha prática, que é meu mergulho, que é meu cotidiano, é difícil falar isso. Aliás, é mesmo impossível falar isso. Por quê? Porque para a psicanálise só se fala de um por um, só se fala da absoluta singularidade. Então, quer dizer, o que eu posso pensar é a partir de cada um que



fala dessas questões a partir de uma elaboração singular dessas próprias questões. Não se pode falar de generalidade porque a questão da psicanálise, é de como cada sujeito em particular, no caso, cada negro em particular, vai elaborar suas próprias questões. Não é possível falar de singularidade, pois, estamos falando sobre comunidade em relação a mulher negra. Temos um conjunto de opressões que nos conectam, temos um marcador social violento que nos afetam. É importante ressaltar que as emoções, a subjetividade e outros fatores estão interligados nossa discussão não é sobre renunciar à razão, mas sim, da maneira torná-la mais concreta, mais humana e menos abstrata e metafísica. Isso é, no nosso caso por outro motivo. (...) O que não se percebe é que, quando denunciemos as múltiplas formas de exploração do povo negro em geral, e da mulher negra em particular, a emoção, por razões óbvias, está muito em quem nos ouve. (GONZÁLEZ, 1979 apud BARRETO, 2018, p.27).

Presença diz respeito ao que aparece em nossos relatos de pesquisa. A ausência é um pano de fundo, uma coexistência, mesmo que não exista de fato. E alteridade, ou alterização, é o que é tornado outro, excluído, deixado de fora. O que deixamos de fora dos nossos relatos? Por que o fazemos? O que incluímos? Por que incluímos em nossos textos estes e não aqueles relatos? (MORAES, 2010, pp. 33, 34).

Tais perguntas são essenciais nos debates sobre o método de escrivência, falar de forma viva as experiências e atravessamentos. Lacan diz que "aquilo de que o sujeito não pode falar, ele grita por todos os poros do seu ser"⁴. O não dito silencia o sofrimento, mas é dito no corpo, através da angústia e a autocobrança excessiva de sermos sempre duas vezes melhores que a branquitude. Nesse cenário, as opressões que se interseccionam em nosso cotidiano aparecem como agentes capazes de produzir mudanças e configurar processos que definimos como sociotécnicos. Em vez de examinar o papel de cada agente isoladamente, somos solicitados a observar os efeitos que as ações de diferentes agentes (humanos e não humanos) podem produzir. É por isso que enfatizo a resistência em se discutir a saúde mental da população negra, o estudo é menos em identidades e mais em redes ou coletivos. Nobles desenvolveu um conceito na prática clínica de psicólogos negros que trabalham com pacientes de pele escura: o impulso da palma da mão. A posição dos Palmares, cujo nome remete a Zumbi dos Palmares, é o desejo de ser africano e livre. Livres das plataformas coloniais que nos mantêm presos em um esquema sócio-político que nos adocece, nos mata, nos distancia da realidade de quem somos, nos distancia da compreensão africana do que significa ser humano: "Ser humano é ser um espírito em contato constante com os poderes espirituais que

⁴ Miller, Jacques-Alain, perspectivas do seminário 23 de Lacan: O sinthoma. Zahar, Rio de Janeiro, 2010.



habitam o invisível, é ser expressão singular da infinitude e da força do divino” (NOBLES, 2009, p. 292).

A COR DO SILÊNCIO E A ANÁLISE NO ÂMBITO ACADÊMICO

A construção do corpo na psicanálise é a partir de três perspectivas complementares. Do ponto de vista real, o corpo é sinônimo de gozo; do ponto de vista simbólico, o corpo é significante “conjunto de elementos diferenciados entre si e que determinam um ato no outro”; e como corpo imaginário, identificado como uma imagem externa e prenhe, que desperta o sentido num sujeito” (NOGUEIRA, 1998. p.73). Se o corpo real corresponde ao lugar de gozo na dimensão da falta, que produz o objeto A, o corpo imaginário e o corpo simbólico são registrados na dimensão psíquica. O racismo, ao contrário do preconceito, é uma expressão de violência, é um ato, não uma proibição imposta para proteger algo. Mesmo que os negros neste universo de horror acreditem conscientemente que tais ameaças racistas não se materializarão, o medo não desaparecerá. Ele carrega seu significado no corpo. Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele (BENTO, 2022. p.18).

Partimos da hipótese de que o racismo afeta os negros não apenas em nível sociológico, mas também em nível psicológico que não é tangível e visível. Como se dá, para o negro, esse processo de se constituir como sujeito, na medida em que é afetado, desde sempre, por tais sentidos? Além da introdução pura e simples, não podem sequer ser explicadas como mera consequência da inferioridade econômica e social, embora seja um fato que atinge a maioria negra, resultado de um processo histórico. Retomando o processo na academia, de fato, só compreendi as consequências do silêncio quando ouvi as angústias de outras mulheres negras que eram silenciadas de forma esmagadora. O silêncio não era só meu.

Uma imagem muito conhecida é da escrava Anastácia com uma máscara na boca. A máscara do silenciamento consistia num pedaço de metal que era colocado na boca da negra, entre a língua e o maxilar. Tudo isso é preso por dois cordões na nuca, um no queixo e outro no nariz e na testa. A máscara representa o colonialismo como um todo. Simboliza a política sádica de conquista e domínio e seu domínio brutal para silenciar os chamados Outros: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (KILOMBA, 2019. p. 33). Poderia ser a máscara também utilizada aqui como uma metáfora para calar o



“outro”? Como calar a voz da mulher negra, senão com a máscara que a calou o povo negro no período da escravidão?

O medo da exposição, o medo de que os sentimentos mais profundos e os pensamentos mais íntimos fossem desprezados como meros devaneios, sentido por tantas garotas jovens que guardam diários, que recebem e escondem a fala, parece-me agora uma das barreiras que as mulheres sempre precisaram e ainda precisam destruir para que não sejamos mais empurradas para o segredo e o silêncio (Hooks, 2019, p.34).

O inconsciente das pessoas negras no Brasil foi embranquecido pelos símbolos e discursos que aparecerão como belos, desejáveis, humanos e dignos de valor se não forem questionados. De forma até mesmo caricata vamos reproduzindo o que os ditos donos do saber querem, ou seja, nos silenciemos nesses espaços e, ao mesmo tempo que somos silenciadas. Digo isso porque vivenciei o silêncio até aqui e observei minhas colegas negras não sendo valorizadas em suas pesquisas e violentadas por falar ou estar naquele espaço. Nossa construção como sujeito de consciência e falante se dá pela lógica do sujeito e linguagem, para Lacan a linguagem é como uma atividade subjetiva na qual algo é dito muito diferente do que se pensa dizer. O inconsciente escapa o controle do objeto falante quando ele é separado do sujeito, desta divisão o subjetivo, segundo a ordem dos significantes, estabelece os resultados regulados pela linguagem mantendo-o inconscientemente de onde vem, não importa o que a vontade do sujeito queira. Lacan enfatiza: “A linguagem é um estado do inconsciente” e o inconsciente é uma implicação lógica da linguagem, ele não existe de fato, não existe inconsciente sem linguagem. O programa que se traça para nós, portanto, é saber como uma linguagem formal determina o sujeito. Mas o interesse de tal programa não é simples, já que supõe que um sujeito só o cumprirá colocando algo de si. (LACAN, 1998b, p. 47).

Mais do que um interesse pela linguagem formal — o que entendo aqui por discurso ideológico, uma conversa que se dá no registro do imaginário social – meu interesse segue especialmente o corte de Lacan "não é fácil" e por causa da complexidade que algo sobre o sujeito deve aparecer ali, assim como o pensamento de um vínculo social fomentado através de alguns discursos que negam até mesmo a suposição de que o sujeito existe, neste caso: o afastamento, silenciamento e invisibilidade dos negros. Os estudos sobre saúde mental e o inconsciente, mesmo que não falado com todas as letras, foi e é para o homem branco. A colonialidade do saber moldou mulheres negras como um objeto sem linguagem, ou seja, sem inconsciente e o efeito dessa exclusão se dá quando notamos todas as angústias por de trás do



silêncio. Neusa Santos Souza em *Tornar-se Negro* parte de uma “(...) constatação inequívoca da precariedade, no Brasil, de estudos sobre a vida emocional dos negros e da absoluta ausência de um discurso, a esse nível, elaborado pelo negro, acerca de si mesmo” (SOUZA, 1983, p.17). A partir do surgimento dos conceitos que envolvem a colonialidade do ser, tem se questionado cada vez mais a real eficiência do uso de conceitos e noções coloniais (ocidentais) em comunidades fora do centro do sistema.

Me deparei com uma publicação na rede social que dizia “De quantas vulnerabilidades é feita uma potência?” (ALYNE FRAGUAS, @papel.mulher). Nossa fala sangra poesia mais pura para quem consegue ouvir, a partir da linguagem que podemos acessar o outro e analisar e elaborar nossas potências. No âmbito acadêmico, os estudos sobre as angústias das mulheres se limitavam à branquitude e um ponto importante foi construído para se iniciar as pesquisas aqui: A mulher negra não era uma mulher? Sendo assim, não é possível analisar o gênero isolado de raça, de classe e muitas outras questões, pois, como os textos de Evaristo demonstram, a marginalidade não pode ser definida sem aferir a problemática do eu e questões sócio-históricas e culturais. Ribeiro (2019, p. 37) se vale das reflexões teóricas de Simone de Beauvoir (2019), ao afirmar que em um ambiente androcêntrico, a mulher é o outro por “não ter a reciprocidade do olhar do homem” e também continua a reformular o conceito construído por Grada Kilomba, ao notar que “a mulher negra é o “outro do outro”, posição que a coloca num local de mais difícil reciprocidade”, reforçada pelas origens coloniais, patriarcais e escravistas no Brasil. Na obra *Olhos d’água* de Conceição Evaristo, cujas experiências sugerem as possibilidades tardias da fala da mulher, capturas de memórias são repetidas em histórias, criando e reimaginando questões sociais que a levam a afirmar que:

Tudo para as mulheres negras chega de uma forma mais tardia, no sentido de alcançar tudo o que nos é de direito. É difícil para nós chegar nesses lugares. E eu fiquei pensando esses dias, quando foi que Clementina de Jesus aparece? Com mais de sessenta anos. E a Jovelina Pérola Negra? A própria Ivone Lara, quando ela vai ter mais visibilidade na mídia? E olha que estamos falando de produtos culturais que entre aspas “são mais democráticos”. E a literatura que é uma área mais do homem branco, apesar do primeiro romance ser de Maria Firmina dos Reis, uma mulher negra, as mulheres negras vão chegar muito mais tarde (EVARISTO, 2017, s/p).

Dito isso, Carvalho (2018) sugere assim uma união entre as epistemologias contra colonizadoras e decolonizadoras, percebendo que a principal diferença entre elas está no lugar de onde foram elaboradas. A descolonização, segundo o autor, parte do grupo racial dominante que, compreendendo que é este o meio de manter a colonização, decide racializar a



produção de conhecimento eurocêntrica, descentralizando esse saber como universal e restituindo o espaço para outros tipos de saberes: tradicionais, oralidade, africanos, asiáticos, indígenas etc. Dessa forma, é possível imaginar as possibilidades do processo de descolonizar a academia a partir da união da decolonialidade e contra colonialidade. Pois ao passo que a primeira desconstrói as ideias eurocêntricas estabelecidas, a segunda cria outros conceitos formulados contra os colonizadores para construir um espaço multiepistêmico.

Temos de um lado estudos coloniais e, de outro ou simultaneamente, o silêncio de produções decoloniais, de modo que o ato de falar e expor não é simples. A partir disso que a construção do silenciamento é estrutural, bell Hooks (2015) explica que nas instituições de ensino muitas vezes os negros são vistos como sujeitos sem capacidade intelectual. A autora chama a atenção para como tais representações permeiam a atividade escolar e conseqüentemente o ensino superior, obrigando-os a nem estudar mais ou a acreditar que não têm condições para isso. Para contemplar essa emergência, examinei uma série de coletivos e como eles formam espaços de engajamento, formação política e são capazes de ampliar os modos de produção do conhecimento acadêmico. A graduação contribuiu também com a construção de relações de apoio e a produção de igualdade e diferença que foram importantes para a permanência na faculdade e a formação política de mulheres negras nesses espaços. O espaço acadêmico é potencialmente hostil, mas ao mesmo tempo um espaço de inúmeras oportunidades, pois promove a mobilidade social dos sujeitos de aprendizagem, bem como expandir o sentido de território. Insistir em escrever uma história que sempre foi contada na perspectiva dos colonos, é resistência política. Nesse sentido, Nilma Lino Gomes - ex-ministra da Secretaria de Política para a Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e do Ministério da Mulher, Igualdade Racial, Juventude e Direitos Humanos no governo da presidente legalmente eleita Dilma Rousseff (2015-2016) - nos mostra que a própria exigência de escrever a história foi o fator inicial na formação de intelectuais negros:

A produção do conhecimento do Movimento Negro, da negra e do negro sobre si mesmos e a realidade que os cercam não têm origem nos bancos acadêmicos nem nos meios políticos. Isso surgiu na periferia, na experiência da pobreza, na ação cotidiana, nas vivências sociais, na elaboração e reelaboração intelectual de sujeitos negras e negros, muitos dos quais nem sequer foram (e alguns ainda não são) reconhecidos como pesquisadores, intelectuais e produtores de conhecimento (GOMES, 2018, p. 218).

No início deste trabalho final me senti frustrada, a frustração me fez querer desistir. Essa é a armadilha da frustração que vejo no meio acadêmico. Nomear e compartilhar esse sentir faz parte do processo de romper com o padrão. Todo corpo produz conhecimento.



Logo, não preciso abdicar das minhas emoções e da conexão com meu território afim de ser aceita num mundo que se diz universal e neutro, mas na verdade só é hegemônico. A frustração é uma das táticas da colonialidade para nos silenciar. Conceição Evaristo pontua a escrevivência não podendo ser lida como uma história de ninar os da casa-grande e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. É desnecessário escolher os posicionamentos se pode falar ou não. O objetivo é desafiar a simples suposição de que podemos recuperar o ponto de vista da subalterna. A própria ausência (no centro) da voz da colonizada pode ser lida como emblemática da dificuldade de recuperar tal voz, e como a confirmação de que não há espaço onde colonizadas podem falar, mas é através da comunidade que juntos o silêncio se torna voz e ação.

CONCLUSÃO – REDES DE AFETOS: AQUILOMBAMENTO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

É no meio de muitas vulnerabilidades que ousamos sentir, de fato, a dor e angústia precisam ser ditas para serem elaboradas e assim construir um novo roteiro, uma nova voz sem peso. Entendo que aquilombar-se na atualidade é estabelecer o autocuidado, construir espaço coletivos de afeto, de acolhimento, de escuta, de sociabilidade, de sentidos coletivos, de fortalecimento de laços, memórias e constituição de uma identidade. É na conexão com mulheres negras que percebemos nossas fragilidades, mas não somente as angústias, o que podemos fazer com tanta potência descoberta e sendo ouvidas. No decorrer da minha graduação, vozes silenciadas começaram a serem ouvidas, com isso o aumento dos estudos acerca da negritude e saúde mental. Temos a alta procura de psicólogos racializados e o aumento de especializações para saúde da população negra e indígena, apesar do aumento, ainda é pouco visto o silêncio de muitas produções. Além de descolonizar nossos corpos, devemos descolonizar também nossas mentes. O aquilombamento é uma necessidade histórica, é um chamado, uma conexão com nossos ancestrais para agir no presente, para criar esperança, para aumentar as forças.

No espaço acadêmico existem alguns conhecimentos que eram valorizados e outros que eram apenas senso comum, geralmente o conhecimento valorizado vinha de uma teoria/teórico colonial e patriarcal. O medo de expor minha escrita e meus conhecimentos não tinham espaço por ser emocional/não teórico e deparar com muitas outras mulheres negras que vivenciam essa realidade. Como uma vivência de uma mulher preta favela e sapatão terá



voz? Foi ouvindo outras mulheres, me relacionando e levando para a fala, pois foi essencial uma análise com escuta racial. A partir da linguagem elaboramos uma ação em relação à angústia para se tornar potência, a direção para sanar esses laços que corroem a subjetividade negra e retornar à branquitude, ou seja, responsabilidade pela violência do racismo para o agressor. O movimento de passagem de uma posição de auto ódio para uma posição de empoderamento passa pelo caminho da experimentação dos efeitos da raiva como sendo o trilho pelo qual o que ficou introjetado na subjetividade negra culpando-a pela condição em que se encontra e colocando-o em uma posição socialmente inferior, fazendo escoar por toda a malha subjetiva do tecido social. Pela linguagem buscamos estratégias de resistências frente à interseccionalidade de opressões. Descolonizar significa quebrar velhos sedimentos culturais, intelectuais, subjetivos e políticos e, mais do que salvar, criar um sentimento de valor para si e para as pessoas a quem pertence. Como negros, vivemos até a exaustão e não cedemos à tristeza que esse mundo branco cria em nós. Não há saídas fáceis ou fugas silenciosas para nós. Há um confronto constante com o mundo, confronto que acontece simplesmente porque existimos. O mito de que as mulheres negras se vitimizam quando falam sobre as feridas causadas pelo racismo é uma estratégia muito eficaz para silenciar aquelas que estão prontas para falar.

Experimentar a si mesmo como dádiva, seguir a recomendação de Oxum, que, ao ser perguntada sobre como encontrar o amor verdadeiro, respondeu: “olhando sempre para o espelho”. O racismo produziu uma autoimagem turva, prejudicando a mais fundamental capacidade de amar: o amor-próprio. Uma das direções de trabalho na Psicologia Preta é promover o resgate do amor por si mesmo, por sua história, pelo povo ao qual se pertence (VEIGA, 2019, p.247).

A crítica afrocentrada verifica que, em grande parte, o Ocidente postula como conhecimento um conjunto de crenças que sofrem distorções oriundas do etnocentrismo ocidental. O pensamento afrocêntrico investiga e propõe novas formas de articular o estudo, a pesquisa e o conhecimento nesse campo. Os sintomas e emoções do sujeito negro compõem todo o social e a interseccionalidade nessa construção. O resgate da autoestima e do senso de valor de sua história e de seu povo não é suficiente para eliminar o impacto do racismo na subjetividade e no cotidiano de mulheres negras. Pensar que erradicar os males do racismo é simplesmente um trabalho psicológico é esquecer todo o aparato social que mantém a supremacia branca e reproduz a violência contra os corpos negros. Destruir o racismo é destruir o mundo atual. O autocuidado, – tão importante para nos mantermos mentalmente



saudáveis em um mundo que quer nos destruir – é uma ferramenta fortalecedora para o confronto contínuo com a realidade social do racismo.

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (SOUZA, 1983, p.18).

A necessidade de "ser duas vezes melhor em tudo o tempo todo", a certeza de que "cada deslize vai errar completamente", o medo constante de que uma bala perdida o encontre, o medo de andar pelo corredor do shopping que traz estatísticas sobre os milhares de "incidentes individuais de racismo" que acontecem a cada hora no Brasil. Tudo isso nos deixam constantemente em alertas, sempre prontas para reagir e lutar por nossas vidas. Para as mulheres de grupos oprimidos que reprimiram tantas emoções – desespero, raiva, dor – que não podem falar, como escreve a poetisa Audre Lorde, "de medo; nossas palavras não foram ouvidas ou bem-vindas", trata-se de encontrar uma voz um ato de resistência. Falar pode ser uma forma de participar de uma autotransformação ativa como um ritual de saída objeto e torna-se sujeito. Apenas como sujeitos nós podemos falar e como objetos permanecemos em silêncio - e nós mesmos, definido e interpretado por outros (Hooks, 2019. p.35). Ou seja, quanto mais conhecermos sobre nós e nossa ancestralidade, menor a chance do outro definir nossa existência e identidade. Quando os grupos acontecem apenas entre pessoas racializadas possibilita trabalhar características específicas de cada um que têm muito em comum e podem ser um reforço em relação aos ancestrais e no fortalecimento da criação da imagem corporal o lado positivo de cada pessoa, o que reduz sentimentos de inferioridade.



Além disso, é de extrema importância que profissionais adotem uma perspectiva interseccional que aborde também classe, gênero, sexualidade, faixa etária, e por aí vai, pois estes também são marcadores que permeiam as experiências vividas pelos usuários de seu território. O que permite que sejamos território é o encontro que sustenta a diferença e abre espaço para um processo libertário de singularização que também oferece resgate às práticas ancestrais, diaspóricas e pertencimento. Aquilombar-se é também resistir à lógica manicomial que tem como suas maiores vítimas a população negra. Tenho sido redundante na ênfase da importância da reconstrução ou construção do aspecto comunitário no processo de cura, de tratamento, de cuidar das pessoas, a partir dessa visada epistêmica que experimento chamar de enegrecimento (SANTOS, 2019, p. 166). O próprio Código de Ética da (o) Psicóloga (o) já preconiza nos seus princípios básicos nos quais o psicólogo deve se basear não apenas para os indivíduos, mas também para as comunidades na promoção da saúde e qualidade uma vida que contribua para a eliminação de toda negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Com isso, a atuação do psicólogo deve ser sustentada num olhar crítico e contextualizado historicamente com a realidade política, econômica, social e cultural (CFP, 2005). Por exemplo, o conhecimento que trazemos da espiritualidade dos saberes tradicionais não é uma estrita novidade para o psicólogo, já que a formação em psicologia é atravessada muitas vezes por essa relação dialógica entre o individual e o coletivo. Ainda assim, a prática psicológica continua muito individualizante, atendendo às exigências neoliberais de ajustamento e funcionamento do sujeito. Saúde mental não é só a saúde psíquica, a saúde mental está relacionada a um bem viver, ao direito à casa, ao direito à alimentação, ao direito a questões básicas e, quando você não tem isso, significa que não se tem dignidade e quando essa dignidade lhe é retirada, vai ter esse impacto na saúde mental. É óbvio que existem diversas iniciativas que tentam dar conta de quando esse braço do Estado não alcança, mas alcança para promover violência. Por que o braço do Estado não pode alcançar para promover o que é o dever do Estado? Que é dar dignidade, que é atender ao que diz a nossa Constituição. Retornando à saúde psíquica, estar em comunidade é ancestral e não se limita ao contato com outras pessoas, mas implica também com tudo o que está no mundo. Mas agora vamos focar nisso, no afeto entre as pessoas e a construção de rede. Segundo a autora Hooks no seu livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*”: a sobrevivência humana está aliada à capacidade de se organizar em comunidade, não a formar famílias nucleares, casais e,



muito menos, à dura vida individualista (Hooks, 2021). Essa prática de fortalecimento comunitário também é ancestral e permanece viva, se estendendo até hoje nas vivências de terreiro, por exemplo. Na Umbanda entende-se que “a intervenção de cuidado deve visar não o indivíduo isolado, mas a rede” (Santos, 2019. p.167). Um sujeito precisa estar inserida numa comunidade, trabalhando em prol de si e de outros, pois a desumanização de outros seres humanos é um impedimento para o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas nossas potencialidades humanas.

A esperança vem na forma de resistência quando encontramos representatividade e uma rede de apoio. Ganhamos força reconhecendo e valorizando nossas reafirmações e identificações que trouxeram mudanças significativas no Brasil e no mundo, referências aos ancestrais e atuação na comunidade. A segurança de ser quem você é e quer ser deve ser apresentada aos seus afetos desde cedo, caso a criança não encontre um ambiente favorável para vivenciar o amor, a liberdade, a espontaneidade e até o brincar livre, ele não se sente parte dela, se culpa de outra forma e se limita, fica inseguro, alimenta as dores de experiências traumáticas e assim acaba repetindo tais decepções na vida adulta. Porque uma das sequelas mais perversas da escravização – do racismo, por metonímia – é o embotamento afetivo que tão comumente nos cala (nos silencia, nos emociona e, principalmente, nos enche de calos). Porque não é fácil fruir sentimentos positivos em meio à luta sem trégua contra o fantasma quadricentenário da desumanização. E contribui para silenciar o próprio coletivo, como já pontuei anteriormente, se você pegar essa ideia da mulher raivosa como uma consciência, do ponto de vista da Lélia González, como uma consciência e a mulher negra se afasta, não busca apoio, com isso, não está criando uma rede. E isso não é autonomia, é silenciamento, uma estratégia branca para nos silenciar.

A construção de uma rede de afetos nos faz sentir pertencente a um território, expandir nosso olhar para o outro e enxergar sobre si mesmo. A clínica embranquecida e individualizante não aborda todas as questões do sujeito negro. Por isso proponho uma abordagem histórica das relações raciais, que é também estrutural, entendendo a colonização e a escravidão como fundamentos de nossa sociedade, elementos que não só racializaram as relações sociais, mas também criaram hierarquias a partir do conceito de raça. "Sendo uma espécie de instituição total no Brasil, a forma específica de escravidão carregará a semente da forma social que mais tarde se desenvolveria. “O que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e



político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática (ALMEIDA, 2018, p. 39)”

De forma geral, o sentido de estar em território é sobre luta e resistência. Isso porque não podemos esquecer o fato de que, apesar de nossa potência, ainda estamos presos a uma sociedade que continua a matar nossos corpos. A organização política e coletiva de luta e resistência é, portanto, também uma forma de unificação e elaboração das angústias. Já parou para pensar no que é um coletivo? Um coletivo pode ser um espaço que possibilita a discussão de temas de interesse comum, com possibilidade de amizades, de engajamento político-social, de cultura, de acolhimento e até mesmo de lazer.

Os impactos do racismo continuarão sendo de difícil manobra nas elaborações, mas a revolução dentro da população negra começou e munidos de uma maior aceitação e identificação com a sua cultura e afrocentricidade, a população negra tem feito uma revolução sobre sua autoestima e seus afetos de dentro para fora. Sendo assim, o panorama de uma mudança nesse cenário tem estado cada vez mais possível, desde a academia, até a periferia, a população negra luta contra o ódio que nos atingem, estamos nos amando e falando. Portanto, considerando que ainda estamos em uma estrutura estadual legislativa e operacional racista, negros e negras precisam de determinação, inteligência e frieza para se organizarem e explorarem coletivamente suas forças, se fortalecerem e, por fim, lutarem e resistirem. Não esqueçamos que foi uma comunidade que permitiu a sobrevivência dos nossos antepassados e garantiu a nossa existência hoje. Lutar juntos e resistir é uma prática milenar e uma forma de pertencimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural*. São Paulo: Letramento. 2018

BENTO, Maria Aparecida . *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras; 2022.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 78 – 106.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - CFP (Brasil). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília: XIII Plenário do Conselho de Psicologia, 2005.



_____. *Relações raciais: referências técnicas para atuação de psicólogas/os*. Brasília: CFP, 2017.

DaMatta, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 1997 (pp. 139-193). Rio de Janeiro, RJ: Zahar

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.

_____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros & SCHNEIDER, Liane (orgs). *Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora* João Pessoa, UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005.

_____. *Olhos d'água* – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EdUFBA, 2008 [1967].

FREUD, Sigmund. (1976). *Repressão*. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915b).

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro e a intelectualidade negra escolonizando os currículos*. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramon. (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 217 - 242.

GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

GONZALEZ, Lélia. 2020. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. *Revista Ciências Sociais Hoje*. p. 223-244, 1984.

HENNING, Carlos Eduardo. *Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença*. *Mediações*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015.

HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Tradução Bhuvi Libano. - 7ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

_____. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. 380 p.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã outsider / Audre Lorde; tradução Stephanie Borges*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LACAN, Jacques. *O Seminário “A carta roubada”*. In: *Escritos* (pp. 13-66). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998b

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962/1963). 2005



MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MILLER, J.-A. *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan. O Sinthoma*. Rio de Janeiro:Zahar, 2010.

MORAES, M., & KASTRUP, V. *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau. 2010

MUNANGA, K. *NEGRITUDE E IDENTIDADE NEGRA OU AFRODESCENDENTE: um racismo ao avesso?* Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 4, n. 8, p. 06–14, 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246>. Acesso em: 26 jul. 2023.

MURARO, Rose. *A Sexualidade da Mulher Brasileira: corpo e classe social no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1983.

NASCIMENTO, Beatriz. *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra*. Revista Afrodiáspora, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

NOBLES, Wade. *Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado*. In: NASCIMENTO, Elisa. (Org.) *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 277-298

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente: As significações do corpo negro*. Tese de doutorado em psicologia, Universidade de São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, Caroline S. *Diário de campo: pesquisa de conclusão de curso*. 2021/2023.

PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro; MOREIRA, Mariana de Castro. Do mal-entendido promissor à multiplicação de vozes: considerações acerca das estratégias metodológicas para a elaboração de uma cartografia de organizações da sociedade civil. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 15, n. spe, p. 1398-1412, dez. 2015.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021. (Feminismos plurais).

SANTOS, Abrahao de Oliveira. *O Enegrecimento da Psicologia: Indicações para a Formação Profissional*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2019, v. 39, n. SPE, p. 159-171.

SOUZA, Neusa Santos *Tornar-se negro: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Recebido em: 18/08/2023

Aprovado em: 19/09/2023